



# famílias no plural

alargar o conceito  
largar o preconceito

atas da conferência

edição

apoio

**ILGA**  
INTERVENÇÃO LÉSBICA,  
GAY, BISEXUAL,  
E TRANSGÊNERO  
ILGA-PORTUGAL.PT

  
Famílias  
arco-íris  
LJDA

**CRIA**  
FCSH-UNL  
FCF-UC  
ISCTE-IUL  
UM  
CENTRO EM REDE  
DE INVESTIGAÇÃO  
EM ANTROPOLOGIA

**ISCTE IUL**  
Instituto Universitário de Lisboa

  
SEGURANÇA SOCIAL

  
INSTITUTO DA SEGURANÇA SOCIAL, Lx



**Famílias no plural:  
alargar o conceito, largar o preconceito  
Atas da Conferência**

**Lisboa**

**ILGA Portugal**

**2013**

# FICHA TÉCNICA

<b>Título</b>	<b>Famílias no plural: alargar o conceito, largar o preconceito - atas da conferência</b>
Edição	ILGA Portugal
Revisão de textos	Mónica Guerreiro
Design e paginação	Tiago Veras

1ª edição

Lisboa: ILGA Portugal, 2013

Depósito legal nº 359094/13

ISBN: 978-989-95594-5-5

Integrado no projeto “Famílias no plural”, apoiado pelo Estado Português através do Instituto da Segurança Social, I.P. (Apoio Financeiro do Estado às Associações de Família – AFEAF)

## **Contactos ILGA Portugal**

Centro LGBT - Rua de São Lázaro, 88 1150-333 Lisboa

+351 218 873 918

[ilga@ilga-portugal.pt](mailto:ilga@ilga-portugal.pt)

[ilga-portugal.pt](http://ilga-portugal.pt)

## Índice

Prefácio .....	1
Sobre o CRIA .....	5
O Estudo Nacional Longitudinal de Famílias Lésbicas nos E.U.A. ( <i>Nanette Gartrell</i> ) ..	7
Orientação Sexual e Parentalidade Adotiva: Uma Atualização da Investigação ( <i>Charlotte J. Patterson</i> ) .....	11
Fatores de proteção e respetivos mecanismos de stress parental em famílias planeadas de lésbicas ( <i>Nynke Burgers &amp; Henny Bos</i> ) .....	21
Pais, mães e filhos: construir famílias na pluralidade ( <i>Antónia Pedroso de Lima, Margarida Moz</i> ) .....	37
Mães como as outras, pais como os outros. Ou o fundamental da antropologia, da história e da sociologia para entender a parentalidade de lésbicas e gays ( <i>Miguel Vale de Almeida</i> ) .....	51
De que falamos quando falamos de preconceito contra a homoparentalidade: Atitudes face à competência parental e ao desenvolvimento psicossocial das crianças ( <i>Jorge Gato</i> ) .....	59
Da Invisibilidade à Investigação: Contributos da Psicologia sobre as Famílias Homoparentais ( <i>Carla Moleiro &amp; André Albernaz Delgado</i> ) .....	85
Para além da heteronormatividade: repensando os significados da família ( <i>Sofia Aboim, Pedro Vasconcelos &amp; Carlos Gonçalves Costa</i> ) .....	99
Famílias no plural: a sociedade espanhola perante as famílias arco-íris ( <i>José Ignacio Pichardo Galán</i> ) .....	111
Igualdade na Parentalidade de Casais do Mesmo Sexo em Portugal: Co-Adoção e Adoção Conjunta ( <i>Robert Wintemute</i> ) .....	129

O conceito de família e as famílias no direito português ( <i>Carlos Pamplona Cortes-Real</i> ) .....	155
Biografias .....	163

## **Pais, mães e filhos: construir famílias na pluralidade**

**Antónia Pedroso de Lima, Margarida Moz**

Falar de família hoje em dia obriga-nos, inevitavelmente, a falar de famílias no plural. É certo que vivemos tempos de grande transformação nesta dimensão da vida nas sociedades modernas. A família já não é o que era, ouvimos dizer com frequência. Mas alguma vez a família foi uma só coisa?

Sendo uma área de investigação reconhecida das ciências sociais, a família é também um tema amplamente abordado pelas pessoas, pela sociedade em geral. Não sabemos bem o que ela é mas todos nós temos uma. Toda a gente tem opinião sobre como deve e não deve ser uma família. Os jornais, as revistas, as televisões, estão cheios de peças sobre famílias. Nos últimos anos, em Portugal, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e o enquadramento legal para as crianças fruto dessas relações têm dominado a atualidade da comunicação social sobre família. Há debates, entrevistas, notícias, peças, especialistas que se chamam para o debate, políticos, representantes das igrejas. A reflexão sobre as alterações da legislação sobre a família extravasa amplamente o gabinete dos especialistas. É objeto de discussão inflamada e frequente na rua, em programas de televisão, de rádio, jantares, conversas, etc.

Vivemos momentos em que a comunicação social e as ciências sociais nos confrontam constantemente com novas formas de viver a família, ou em família. As novas famílias suscitam curiosidade e as pessoas querem saber mais: como é que se vive com dois pais? Não se fica esquisito sem referências femininas? Como é que as crianças vão fazer os trabalhos de casa, vão à música e brincam com os primos, se a mãe está a trabalhar?

Porém, a divulgação pública dos diferentes casos de composição familiar torna os uma realidade existente e vivida para um público amplo. A procura do diferente por parte da comunicação social tem como consequência a divulgação do que é considerado exceção. Mas, se os casos divulgados pelos média são as exceções, pouco se fala das famílias comuns. O vulgar não é notícia, não suscita interesse. Como se todos nós soubéssemos o que é uma família normal. E o que é afinal a família normal por referência a essas exceções?

Se assumirmos um olhar histórico, esta pergunta ganha contornos ainda mais complexos. Se pegarmos nos jornais de há 30 anos encontramos debates tão acesos e intensos sobre a família como os que temos hoje em dia. Os temas, no entanto, eram diferentes. O crescimento da taxa de divórcio, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as reivindicações dos direitos das mulheres pela igualdade na família e no trabalho. Estes eram os temas que dominavam o debate. E este era fortemente marcado pela ideia de que estávamos a assistir ao fim da família, da instituição social considerada o pilar da sociedade. O que aconteceria àquelas crianças filhas de pais divorciados? Como sobreviveriam sem a estabilidade da conjugalidade? E aquelas mulheres divorciadas? Como viveriam sozinhas? Como seriam educados os seus filhos? E os casais que viviam juntos e não se casavam? E os filhos que nasciam destas relações?

Hoje em dia estas questões quase não se colocam ou são equacionadas de outras formas no debate público. Praticamente deixaram de ser um problema ou mesmo fonte de reprovação, de julgamentos morais. Entraram na normalidade. Deixaram de ser a exceção para ser o comum. O tempo mostrou que não foram o fim da família, mas parte do processo de transformação desta instituição social em permanente mudança. A naturalidade com que se fala hoje em dia do divórcio não nos remete para o significado negativo e a preocupação com que o tema era abordado há três décadas em Portugal. Se pensarmos na questão dos casais do mesmo sexo é notória a transformação na maneira como se aborda a questão nos últimos anos e o impacto que ela tem na opinião pública. Porque muito se ouviu falar do tema, porque muitos casais aparecem nas televisões e jornais mostrando as suas famílias. Ou seja, a divulgação dos seus casos por parte da comunicação social contribui e muito para a aceitação pública do que anteriormente aparecia como um elemento de destruição da família.

A verdade é que, se analisarmos a família nesta perspetiva processual vemos que não há uma família. A família está em permanente transformação. Varia no tempo e no espaço, nas formas que assume, mas, sobretudo, nos significados que as pessoas atribuem às relações em que estão envolvidas e à maneira como as vivem. Grande parte das transformações a que assistimos na família nas últimas décadas decorre do processo que, desde a década de 1960, tem vindo a enfatizar a valorização e a centralidade dos afetos na vida dos indivíduos, tanto nas relações familiares – na relação entre cônjuges e na relação entre pais e filhos – como nas relações próximas e de amizade.

No âmbito do projeto “Práticas familiares contemporâneas em Portugal”<sup>1</sup> procurámos perceber como se vivia em família em Portugal. Em variados tipos de famílias: urbanas, rurais, tradicionais, famílias compostas por casais do mesmo sexo, com filhos, sem filhos. Estudámos poucas famílias de cada categoria para as podermos acompanhar ao longo de um período longo. Os casos que iremos aqui debater foram uma das dimensões analisadas.

## Famílias diferentes, crianças diversas

A pesquisa sobre as famílias arco-íris realizada no âmbito do projeto mostrou-nos que a diversidade familiar é o que de mais evidente revelam estas famílias. Percebemo-lo não apenas nas famílias cujas histórias e rotinas fomos conhecendo, mas também naquelas que se têm disposto a fazer parte dos crescentes estudos sobre o tema. Nessa óbvia diversidade, as famílias aqui apresentadas não são em nada diferentes de todas as outras.

Ainda que, seguindo a boa tradição antropológica, não tenhamos trabalhado com números significativos, o tempo passado com estas famílias e a proximidade estabelecida permitiu vê-las com uma profundidade que muitas vezes falta aos estudos alargados com base em inquéritos sem uma abordagem pessoal, mas cujos resultados, sobretudo os realizados na área da psicologia, permitem apoiar as observações com outra assertividade.

Sempre que referimos a pesquisa em meios não académicos, as perguntas que nos fazem incidem maioritariamente sobre as crianças: quem são? Como vivem? Como lidam com a sexualidade dos pais? Apesar de percebermos a ansiedade e mesmo a genuína preocupação de muitos dos que fazem essas perguntas, não deixamos de nos indignar com a forma como as mesmas questões não parecem inquietar estas pessoas quando se fala apenas de crianças, independentemente das famílias a que pertencem. Respondemos quase sempre dizendo que *Os Miúdos Estão Bem*, como no filme<sup>2</sup>. Mas a resposta soa sempre muito fácil, muito simples, incapaz de satisfazer a curiosidade dos inquiridores. Para nós, contudo, é muito óbvia. Mesmo assim, damos por nós em rebuscadas explicações para chegar à grande revelação: estas crianças não têm nada de especial, a não ser o facto de serem crianças muito especiais para as suas famílias, como o são (ou deviam ser) todas as crianças. Haverá certamente histórias tristes mas essas não se contam, não se encontram facilmente precisamente porque estão ocupadas a resolver os seus problemas, a sua desorganização. Mas por que motivo a existência de casos menos felizes deverá ensombrar a de quem vive a sua realidade familiar de uma forma saudável, positiva, feliz?

Ao contrário dos estudos da psicologia (cujos resultados estudamos e utilizamos nos últimos anos) a nossa pesquisa não se centra no desenvolvimento das crianças nem no seu bem-estar psicológico. Em vez disso, falamos com os seus pais, visitamos as suas casas, participamos o mais possível nas suas atividades familiares para tentar perceber as suas interações quer dentro da família, quer com o exterior. Ouvimos as suas histórias de família (sobretudo as que os pais contam já que muitas destas crianças são muito novas para as contarem elas próprias), a forma como são resolvidas algumas questões práticas e depois enquadrámos e cruzámos as histórias

para tentar perceber alguma lógica ou tendência comum. E ao fim de anos de investigação, recorrente é a forma como cada uma destas histórias é única, recorrente é a sua diversidade, à semelhança de qualquer história de família.

Em termos metodológicos esta não é uma pesquisa fácil uma vez que a observação e o estudo de famílias implicam entrar na vida privada das pessoas e tornar públicas as suas histórias. Esta abordagem tem de ser negociada e é fundamental que se explique a relevância do trabalho e que ela seja reconhecida. Os que aceitam participar, contudo, têm perfeita noção da necessidade de tornar visíveis as suas realidades familiares que, pelo menos em Portugal, não têm (ainda) um enquadramento legal comparável às famílias baseadas na metáfora da natividade<sup>3</sup>. A participação destas famílias em estudos académicos é muitas vezes vista como uma oportunidade de mostrar o quanto se parecem com qualquer outra família mesmo, como referiram alguns pais, nas suas imperfeições. As reservas a esta participação estão relacionadas com a presença de um observador e com a eventual exposição da sua intimidade. A confiança entre o investigador e as famílias é pois imprescindível. Ainda assim, esta pesquisa decorre num espaço entre o que se pode dizer e mostrar e o que não tem de ser visto, e este acordo tácito é válido tanto para o investigador quanto para quem se deixa observar: nem todas as curiosidades terão relevância académica.

Optámos por organizar os diversos arranjos familiares com que trabalhámos em três grupos: a) Famílias recompostas na diferença; b) Famílias compostas na diferença; c) Famílias diferentes, iguais.

No primeiro grupo (a.) estão as famílias portuguesas inicialmente compostas por um pai e uma mãe e que após uma rutura o pai ou a mãe iniciam uma relação com uma pessoa do mesmo sexo a que os filhos se têm de adaptar<sup>4</sup>. No segundo (b.) encontram-se as famílias cujos filhos tenham desde sempre vivido com um pai/mãe gay/lésbica ou com dois pais/mães numa relação homoconjugal sob arranjos legais distintos. Finalmente, no terceiro grupo (c.) estão as famílias arco-íris holandesas<sup>5</sup>, país onde lhes são concedidos direitos idênticos a qualquer outra família, onde a sua existência é vivida sem segredos, mas onde existem ainda algumas reivindicações legais.

Quando iniciámos a pesquisa não sabíamos o que se viria a encontrar e por isso contactámos com quaisquer crianças com um pai numa relação homossexual. Conhecemos pessoalmente bastantes casos ao longo dos anos e onde quer que se fale da pesquisa há sempre quem se aproxime para contar mais um caso. A cada caso íamos percebendo o quanto as suas histórias, em toda a sua diversidade, se assemelhavam às histórias comuns de outras famílias reconstruídas, ou reestruturadas, em que a separação dos pais parece mais significativa e mais

determinante para o sucesso da relação seguinte do que a própria homossexualidade dos pais .<sup>6</sup> Ou seja, estas famílias tendem a ser muito diferentes entre si porque são frequentemente construídas sobre a falência de expectativas e sem regras definidas para prosseguir. Nos casos que conhecemos a história da rutura da relação dos pais e a adaptação à nova realidade parece ser mais reveladora e significativa do que a relação subsequente, independentemente da orientação sexual que ela siga.

Na nova configuração familiar – que é vivida pelos filhos com uma assiduidade diferente consoante os acordos parentais – um dos pais é gay/lésbica e pode viver ou não com o seu novo parceiro. Em termos práticos, a separação dos pais obriga a um ajuste dos filhos, assim como a convivência com o novo parceiro do pai/mãe. A eventual homossexualidade da nova relação do pai/mãe é tão mais problemática quanto outro pai/mãe a usam para hostilizar o ex-parceiro e/ou os filhos. Deste primeiro grupo (a.) analisemos as famílias do André e do Paulo.

## O André

O André tem 11 anos e semana sim semana não vive com a mãe e a sua mulher americana. Na semana em que vive com o pai também partilha a casa com a terceira mulher dele, e por vezes, na semana do pai, fazem cerca de 300 km de carro para visitarem as irmãs gémeas do André, mais velhas, nascidas do primeiro casamento do pai. Toda a família sabe que a mãe do André está casada com uma mulher e isso não parece incomodar ninguém. Quando o André tinha 6 anos, a mãe disse-lhe que tinha uma namorada que viria dos Estados Unidos da América para viver com eles. Que ela deixaria para trás a família e os amigos e que lhes cabia a eles fazer o possível para que ela se sentisse bem. Quando soube que a mãe tinha uma namorada, o André comentou não saber ser possível que as mulheres tivessem também elas namoradas, mas quando a mãe lhe garantiu que essa também era uma possibilidade ele não teve qualquer dificuldade em aceitá-la.

Antes da chegada da Cate, a namorada da mãe, os dois conheceram-se através de videoconferência, falaram ao telefone e trocaram até alguns desenhos e pequenos presentes. O André assumiu a tarefa de ensinar português à namorada da mãe, bem como algumas especificidades culturais locais e ao fazê-lo tornou-se também muito protetor de Cate. A mãe do André acredita que esta preparação da chegada da Cate tornou a sua vinda esperada e apreciada sem que ele nunca se chegasse a sentir ameaçado por isso. Sempre que o André participa num evento especial toda a família se reúne: pais, companheiros dos pais, irmãos, tios e primos. Foi assim na cerimónia da sua “Promessa de Lobito” como escuteiro, um evento a que toda a família assistiu, vinda de todo o país.

## O Paulo

O Paulo, agora com 25 anos, teve uma experiência completamente diferente do divórcio dos pais e da revelação da homossexualidade do pai. Até aos 7 anos viveu com o pai, a mãe e as duas irmãs – uma mais velha e uma mais nova. As discussões que antecederam o divórcio eram frequentes e, contudo, o Paulo lembra-se bem do dia em que a mãe se apressou para a casa de banho numa fúria e arrancou à força a aliança do dedo do pai. Nesse mesmo dia o pai saiu de casa e só passado muito tempo é que a mãe o autorizou a ver os filhos. Durante o tempo em que o pai esteve ausente a mãe insultava-o com frequência sublinhando de modo depreciativo a sua homossexualidade. Foi a irmã mais velha do Paulo quem finalmente lhe explicou o que era um homossexual. Quando, passados alguns meses, o Tribunal obrigou a mãe a autorizar que os filhos passassem alguns fins de semana com o pai, o Paulo chorava sempre que tinha que regressar a casa da mãe.

Na adolescência o Paulo começou a considerar a hipótese de se mudar para casa do pai, que na altura vivia com o seu companheiro. Até que um dia a mãe lhe deu cinco euros para ele cortar o cabelo. Ele recusou a proposta dizendo que o estava a deixar crescer. A mãe não gostou da ideia e desatou a insultar o filho dizendo que ele era um “paneleiro” (sic) como o pai e que por isso devia ir viver com ele. Era esse o empurrão que o Paulo precisava para decidir mudar de vez. Ele há muito queria viver com o pai mas não sabia como anunciar a decisão, por isso aproveitou o desabafo da mãe e saiu de casa no dia seguinte. Durante os dois anos seguintes o Paulo viveu com o pai e o marido. Dois anos depois o pai do Paulo morreu. Ele nunca regressou a casa da mãe e ficou sempre com o marido do pai a quem passou a chamar pai também. O Paulo conta a sua história de forma zangada e dolorosa, na perspectiva de quem viveu dividido entre as acusações da mãe relativamente à vida “vergonhosa” do pai e o conforto que sentia na presença paterna cuja vida não lhe parecia nada errada. Numa entrevista Paulo disse que a família dele era o pai (o pai por afinidade, de facto), a irmã (a mais nova) e o namorado dela. Os outros já não tinham lugar na vida dele.

As duas histórias são diferentes e contudo são muito idênticas às histórias de outras crianças, filhas de pais divorciados e casados de novo. A homossexualidade dos pais surge como um problema quando é construída como um problema, muitas vezes usada como argumento de um para tentar diminuir as qualidades e capacidades do progenitor que assume uma orientação sexual diferente. A história do Paulo é um claro exemplo de como a rejeição da mãe foi imposta aos filhos até eles terem idade para se libertarem dela e fazerem as suas próprias escolhas. De certo modo, esta história não é muito diferente daquelas em que a mãe ou o pai insultam recorrentemente os novos namorados do outro, dificultando assim a adaptação dos

filhos aos novos contextos familiares, já que ao aceitarem os novos companheiros sentem estar a desrespeitar ou mesmo a traír o pai ou a mãe ressentidos.

Haverá com certeza questões que os filhos de um pai ou mãe que se assumam como homossexual têm de enfrentar, mas elas são de uma natureza distinta das que enfrentam as crianças que eu incluí no segundo grupo (b.), que nunca viveram num contexto familiar liderado por um casal de sexo diferente e que por isso terão mais dificuldade em rever-se nos enredos dos contos infantis que crescem a ouvir na escola e um pouco por todo o lado. Algumas famílias organizam-se desde logo em formatos menos convencionais ao prescindirem da presença de um pai e de uma mãe numa conjugação parental. Em vez disso, existe apenas uma mãe ou um pai, ou duas mães ou dois pais, ou até dois de cada. Desse grupo de seis famílias portuguesas que acompanhámos, cinco são famílias onde existem dois pais e numa existem duas mães. Dos filhos destas famílias, seis num total de sete são adotados e um foi gerado com recurso à procriação medicamente assistida.

## O Eduardo

O Eduardo não é adotado. Ambos os pais queriam exercer a parentalidade a tempo inteiro e por isso pensaram inicialmente na hipótese de adotar. A ideia não chegou a ser muito elaborada porque os dois viviam juntos há algum tempo e isso complicaria o seu processo de seleção e limitaria as suas hipóteses de serem aceites como pais adotantes, apenas possível se a adoção fosse monoparental. Após uma pesquisa na Internet, escolheram uma agência americana com uma forte experiência em situações como a deles e capaz de conduzir todo o processo necessário para que dois homens possam ter um filho em conjunto: desde a seleção das gestantes de substituição e das dadoras de óvulos a todos os procedimentos médicos e legais.

Quando o Eduardo nasceu nos Estados Unidos, a puerpera foi declarada mãe e, por ser casada e no Estado de Oregon onde a criança nasceu se aplicar a presunção de paternidade, o marido dela tornou-se automaticamente o pai. O passo seguinte foi a contestação da paternidade e para isso foi efetuado um teste de ADN. O resultado indicava que o pai do Eduardo não era o marido da ainda mãe. Depois disso a mulher prescindiu de quaisquer direitos sobre a criança abrindo a possibilidade ao companheiro do pai biológico de o coadotar de imediato.

Desde a vinda para Lisboa que o Eduardo é cidadão americano já que nos EUA prevalece o princípio de *ius solis* na atribuição da nacionalidade. Apesar das tentativas dos pais para registarem o filho como cidadão português e ainda que em Portugal se aplique a regra *ius*

*sanguinis*, que determina que a nacionalidade portuguesa seja atribuída aos filhos de cidadãos portugueses, os pedidos de nacionalidade têm sido sistematicamente negados. A argumentação para o indeferimento do registo prende-se com a recusa dos pais em fornecer o nome da mãe da criança, para além da impossibilidade legal de um filho ser registado em simultâneo em nome de dois pais. Aos pais do Eduardo foi dito que em Portugal as crianças têm de ter uma mãe, mas eles insistem que o Eduardo, tal como consta no seu passaporte americano, tem apenas dois pais. Apesar do absurdo da situação ela não tem trazido grandes transtornos à família porque o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) autoriza a residência do Eduardo em Portugal uma vez que um dos pais é português e o outro um cidadão comunitário a residir no país. As primeiras questões colocaram-se quando foi preciso recorrer aos serviços de saúde e aderir ao plano nacional de vacinação, mas também aí a questão se resolveu dada a menoridade do Eduardo que lhe permite aceder ao Serviço Nacional de Saúde. Em última instância, se nada mudar até lá, dizem os pais, quando aos 18 anos o Eduardo perder os direitos que tem enquanto estrangeiro menor, ele já terá vivido em Portugal há tempo suficiente para requerer a nacionalidade portuguesa.

Apesar das questões legais, que na realidade não têm um tão grande impacto na sua vida quotidiana, o Eduardo é igual a qualquer outra criança do infantário que frequenta: tem dois pais, tem avós, tias, tios, primos e amigos, todos próximos e disponíveis para participar o mais possível na sua jovem vida. Não tem mãe (mas tem uma gestante e uma doadora de óvulos) mas até agora, com 4 anos, não mostrou qualquer preocupação em relação a isso. Ao contrário dele, porém, a mãe de uns gémeos da sua sala do infantário, psicóloga, aparentemente muito confortável com a situação familiar do Eduardo, resolveu partilhar com os pais o seu apoio e compreensão; e perante tamanha proximidade não se absteve de revelar a sua curiosidade perguntando-lhes se o Eduardo tinha já (aos 3 anos) iniciado a sua terapia. “Terapia?!” – quiseram saber indignados – “Para quê?!”. “Para começar a lidar com a ausência da mãe” – explicou a senhora.

## **O Miguel e a Zélia**

A história do Miguel e da Zélia é muito diferente. Desde muito pequenos que os dois irmãos foram acolhidos pelos seus dois pais. A segurança social retirou-os à mãe biológica quando eles eram ainda bebés. Um dos pais que agora têm era candidato singular (com o apoio oficial dos pais e dos irmãos) a família de acolhimento e acabou por recebê-los. A negligência e a falta de condições materiais determinaram que estas crianças fossem retiradas da casa da mãe, mas o seu pai biológico que nunca se disponibilizou para receber os filhos em sua casa tão-pouco autorizou que eles fossem adotados. O Miguel e a Zélia nunca viveram com ele nem

sequer se lembram da mãe que acabou por morrer eram eles ainda muito novos. Ainda assim o Tribunal várias vezes deferiu os pedidos de visitas do pai biológico que mais do estabelecer uma relação entre as crianças e aquele pai biológico visavam impedir a adoção por parte dos pais com quem viviam desde que se lembravam. O processo judicial foi longo e penoso. Durante mais de 10 anos houve decisões e recursos, entraram e saíram juizes e a adoção nunca foi possível nem mesmo na versão monoparental que era a requerida por ser essa a única versão possível. A homossexualidade dos pais seria um obstáculo à adoção apesar de as crianças viverem bem essa situação e de quererem permanecer naquela família.

Para pôr fim a um processo que se arrastava sem solução os pais optaram por aceitar que fossem os avós (a mãe e o marido da mãe de um deles) a adotar legalmente as crianças (então já adolescentes) e o caso resolveu finalmente a sua legalidade. Mas nem por isso as coisas ficaram menos bizarras, afinal os pais do Miguel e da Zélia tornaram-se legalmente seus irmãos, ou melhor, um deles passou a ser irmão e o outro cunhado de facto, já que os dois nunca se casaram. Os avós delegaram no filho a responsabilidade de educar as crianças e isso resolveu alguns dos problemas práticos que durante anos tiveram de enfrentar.

Os filhos não puderam usar o nome da família que gostariam de ter; em vez disso tomaram o apelido do avô, que por não ser pai de nenhum dos pais tem um nome de família diferente, mas tanto o Miguel quanto a Zélia dizem que um dia vão resolver a questão e adotar o nome que ainda usam nas redes sociais e entre amigos.

A relação que existia com os restantes membros da família tampouco se alterou. Os avós continuam a ser os avós, os tios, primos e sobrinhos continuam a ser os mesmos. A família apenas passou a ter um enquadramento legal diferente, mas de facto os pais do Miguel e da Zélia são os mesmos desde sempre.

Estes dois exemplos ilustram algumas das dificuldades de se crescer com dois pais do mesmo sexo e como elas se prendem menos com as interações familiares e mais com as suas formalidades. Em ambos os casos as crianças sabem quem são os seus pais mesmo se às vezes não percebem a dificuldade que os outros têm em ver o mesmo que eles.

É precisamente isso que distingue estas crianças das do grupo seguinte (c.): o grupo dos filhos das famílias que apesar de serem diferentes na forma são iguais em direitos (ou quase). Este grupo inclui as famílias com que trabalhamos na Holanda. Cada uma delas apresenta-se num formato diferente: uma das crianças tem um pai gay e uma mãe lésbica que decidiram juntos ter um filho; há também uma família de duas mães e três filhos; outra de dois pais gay e duas mães lésbicas que têm duas filhas adolescentes; e, finalmente, uma mãe lésbica, divorciada, com dois filhos adultos. O que os une a todos neste grupo é a sua visibilidade e a sua aceitação

formal que os liberta a todos dos constrangimentos vividos pelas famílias do grupo anterior e nos permite perceber outros. Vão conhecer duas destas famílias.

## **A Sanne e a Anika**

A Sanne tem 15 anos e a Anika 12. São ambas filhas de um casal de pais e um casal de mães, que vivem na mesma rua a duas casas de distância. Cresceram uma semana em casa de cada um mas os quatro adultos estiveram sempre presentes e partilharam entre si as tarefas de as levar e buscar à escola, às atividades extracurriculares, às consultas médicas, às festas dos amigos, etc. É tal a normalidade com que estas tarefas são desempenhadas que as duas confessam aborrecer-se quando lhes perguntam como é a família delas, já que lhes parece igual às de toda a gente. Mas os dois pais da Sanne e da Anika não partilham da mesma descontração relativamente a este assunto, uma vez que recentemente as duas mães (em nome de quem as filhas estão legalmente registadas) se separaram depois de um mau período de muitas discussões e abuso de álcool, o que veio complicar a estabilidade familiar e, sobretudo, o sossego dos pais. Apesar de as filhas terem encontrado na casa dos pais a tranquilidade que lhes estava a faltar na casa das mães, uma das mães está a fazer-se valer dos seus direitos de mãe biológica para contrariar os restantes. Para os dois pais, que são legalmente a parte mais desprotegida, devia ser possível registar os filhos em nome de todos os pais para assim evitar estas situações. No caso, se as filhas estivessem também em nome deles, isso facilitaria o recurso ao Tribunal para garantir temporariamente a guarda delas enquanto as mães resolvem as suas desavenças. O que é realmente notável nesta história, é o modo como a homossexualidade dos pais (dos quatro) é irrelevante, porquanto o que os impede de registar as filhas não é a sexualidade mas a quantidade, já que na Holanda as crianças só podem ter dois pais, independentemente do sexo de cada um.

## **A Silke, o Thijs e a Nes**

Por fim contamos a história feliz da Silke (de 13 anos), do Thijs (7 anos) e da Nes (com 3 anos), que partilham as mesmas duas mães e três diferentes pais *donut*. Aos 5 anos a Silke já sabia que tinha nascido das suas mães com a ajuda de um dador, amigo da família e frequentador da casa. Por isso mesmo, um dia perguntou-lhe que laço tinha ele com ela. As mães não interferiram e deixaram que ele, apanhado de surpresa, respondesse à pergunta da criança. Ele explicou que tinha doado esperma para ajudar as mães a gerá-la, mas aos 5 anos a Silke já conhecia aquela história; apenas lhe faltava saber em que é que isso os relacionava.

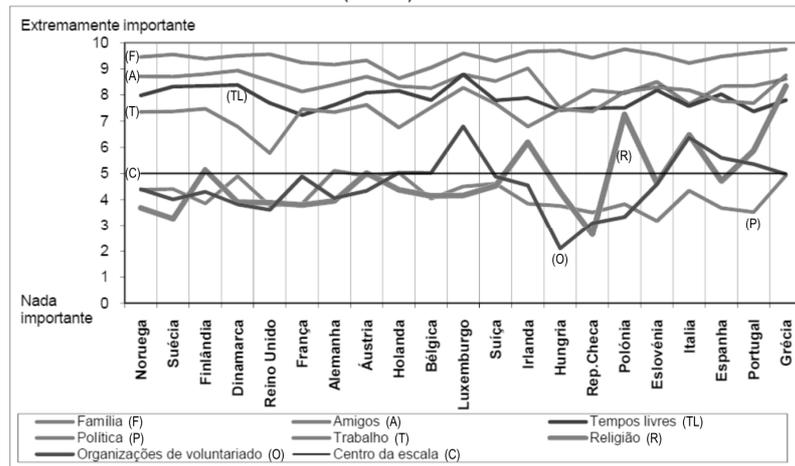
Ele atrapalhou-se e não foi capaz de responder antes que a Silke se tivesse retirado para dormir. Na sala, o homem perguntou às mães o que esperavam da resposta dele e elas disseram-lhe que ele podia dizer o que quisesse que o deixasse confortável e ajudasse a criança a colocá-lo no desenho da sua família. Ele subiu ao quarto para lhe dar um beijo de boa-noite e disse que era o pai-dador (*donor vader*, em neerlandês). Mas a juntar ao sono, a Silke era muito nova para perceber o termo e julgou que ele se tinha assumido como pai-donut (*donut vader*), o que lhe agradou muitíssimo. Todos se riram da confusão e essa tornou-se uma piada lá em casa que ajudou também a construir as relações entre os dadores e os filhos que tiveram a seguir – uma família composta por duas mães, três filhos cuja casa é frequentada por três pais-donut, os amigos que frequentemente trazem donuts para as crianças. As crianças não têm outra relação com eles para além da amizade que os une, a uns mais do que a outros. Todos se dão bem e a situação está facilitada pelo facto de as duas mães terem o exclusivo dos direitos sobre os filhos.

## **Do medo do fim da família ao receio da diversidade de formas e relações familiares**

Quando falamos em famílias no plural não estamos, pois, a falar apenas das famílias arco-íris e das outras, estamos realmente a falar de todas as famílias, de cada uma, uma por uma. A partir das histórias aqui contadas de um modo abreviado pretendemos apenas demonstrar a sua diversidade e a forma muitas vezes engenhosa como se mantêm juntos e garantem a sua funcionalidade nas situações mais adversas. Ao relatá-las quisemos sublinhar, sobretudo, a sua existência, a sua normalidade no sentido de regularidade, harmonia e boa proporção, mesmo sabendo que a norma insiste ainda em definir as famílias em formatos muito redutores e distantes de grande parte da realidade.

A importância da família no mundo moderno contemporâneo não pode, portanto, ser pensada a partir dos valores de ideias de tempos passados. Porém os dados quantitativos fornecidos pelo European Social Survey mostram de forma inequívoca que as dimensões afetivas (família, amigos) ocupam os lugares cimeiros das dimensões da vida a que os europeus dão prioridade (ver quadro 1). Estes dados revelam-nos que a família constitui um valor central e autónomo para todos os países europeus analisados. Contrariando estereótipos, estes dados mostram-nos que a família é a principal esfera de investimento pessoal, ainda que de diferentes maneiras nos vários países europeus. É muito curioso reparar que os países escandinavos apresentam valores muito próximos da Espanha e até superiores aos da Itália quanto à importância dada à família. O que muda são os valores, as representações e modos de investimento na família.

Qual a importância de cada um destes aspectos na sua vida?  
(médias)



Fonte: ESS1, 2002

Fenómenos como a desdramatização do divórcio e da coabitação, o reconhecimento dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo, o decréscimo da fecundidade, a recomposição familiar, a fertilização assistida ou a adoção por casais do mesmo sexo não podem portanto ser lidos como sintomas do declínio da família, mas antes como sintomas de novos investimentos e sentidos que lhe são dados. Apesar das profundas, múltiplas e rápidas alterações nas formas de organização e vivência familiar que caracterizam as sociedades contemporâneas nas últimas décadas, a construção da família, independentemente das formas que assuma, mantém-se uma importante dimensão da vida na Europa no século XXI.

## Notas

<sup>1</sup> Projeto financiado pela FCT (POCTI/ANT/56081/2004) sob coordenação de Antónia Pedroso de Lima. A pesquisa sobre famílias arco-íris foi conduzida por Margarida Moz no

âmbito da investigação para o seu doutoramento (a apresentar no ISCTE-IUL sob o título “Crescer na (in)diferença”).

<sup>2</sup> *Os Miúdos Estão Bem* é o título português do filme *The Kids Are All Right* (USA, 2010) de Lisa Cholodenko, protagonizado por Annette Bening, Julianne Moore e Mark Ruffalo.

<sup>3</sup> João de Pina Cabral faz referência ao quanto esta metáfora está também enraizada nos estudos do parentesco em antropologia e ao quanto ela pode ser enganadora: “Chamei muitas vezes a atenção dos meus alunos para um dos principais ensinamentos dos estudos do parentesco em antropologia, que é a necessidade de nos distanciarmos da evidência da metáfora da natividade – essa ‘prova gráfica’ de que deus e a natureza juntos revelam que a unidade pai-mãe-filho é o elemento essencial da vida humana.” (Pina Cabral, 2002: 202)

<sup>4</sup> Neste grupo não se incluem, obviamente, os pais cuja nova relação homossexual não é do conhecimento dos filhos, uma vez que o desconhecimento da relação não afeta diretamente a configuração familiar.

<sup>5</sup> Durante o trabalho de campo a investigadora Margarida Moz esteve um período na Holanda onde acompanhou, ainda que com menor assiduidade, algumas famílias reconhecidas legalmente como sendo compostas por pais do mesmo sexo e seus filhos.

<sup>6</sup> Existem alguns trabalhos na área da sociologia que referem a influência da separação dos pais no sucesso das reconfigurações familiares posteriores (cf. Lobo, 2009).

---

## Referências

Lobo, C. (2009). *Recomposições familiares: Dinâmicas de um Processo de Transição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Pina Cabral, João de (2002). *Between China and Europe – Person, Culture and Emotion in Macao*. Londres & Nova Iorque: Continuum.